

LIVRO ÚTIL

"Um ano de observação no Extremo Oriente" do Tte. Cel. Lima Figueirêdo

Pelo Cel. T. A. ARARIPE

"QUALQUER GRANDE PODER SEM SEGREDO
É FRAQUEZA, COM SEGREDO É PODER".

Pe. ANTÔNIO VIEIRA

Livros há que surgem para ser lidos com sofreguidão, relidos pacientemente e meditados por conterem ensinamentos proveitosos. Está nesse caso "Um ano de Observação no Extremo Oriente", do Ten.-Cel. LIMA FIGUEIRÊDO, editado pela *Biblioteca Militar*. Documentário de informações militares, proveniente do desempenho de uma missão definida, impõe-se o livro, desde logo, pela exatidão dos dados e sinceridade dos conceitos e apreciações.

Escrito quando vivíamos mergulhados no idílio de uma política internacional que visava o maior estreitamento de amizade com todos os povos, era natural que o autor não escondesse a simpatia pela ação criadora do povo japonês, principalmente quando o seu principal objetivo era colher ensinamentos que beneficiassem a nossa formação militar. Por isso, para ser sincero, honesto e proveitoso ao Exército Brasileiro, o trabalho do Ten. Cel. Lima Figueirêdo tinha que fazer ressaltar as qualidades e realizações do Exército Nipônico, a fim de que as analisássemos e dessa análise procurássemos aproveitar o que julgássemos útil.

Não é a atual situação de molde a modificar o conceito em que se tem os livros dessa natureza. Se para querer bem é preciso ter a compreensão e o conhecimento mútuos, maior razão há para bem conhecer aqueles de quem pode advir-nos o mal. Essa verdade inconcussa tem a sua consagração em duas citações

clássicas e definidoras da importância do conhecimento do inimigo nas operações de guerra. Uma é o celebre versículo de *Montluc*, conspícuo chefe e autor militar francês do século XVI: "Si l'ost savait ce qui fait l'ost, l'ost battrait l'ost". A outra é extraída do *Tratado de Arte Militar de Vegécio* (século IV): "Quem puder conhecer com segurança o estado das próprias forças e das do inimigo, difficilmente será batido".

No ponto de vista profisional, o conhecimento dos exércitos mais adiantados, bem como daqueles que nos interessam de perto, é uma necessidade premente, não só para aproveitar os seus inventos e aperfeiçoamentos como para poder opor-se aos seus processos. Na maioria dos casos, não há conveniência em esconder ou deturpar a verdade porque isso pode conduzir a resultado ainda mais desmoralizante, se a verdade se apresentar sem que se esteja suficientemente preparado para enfrentá-la. Assim como o comando não deve menosprezar o valor do adversário, também o executante deve ter justo conceito de suas possibilidades e qualidades, de maneira a evitar o desengano deprimente.

Quanto aos leigos em assunto militar, o conhecimento do potencial dos outros povos impõe-se como áccate para o seu espírito de defesa.

Se a sua formação moral for solida e bem conduzida não haverá como temer nenhuma ação desmoralizante, que arrefeça o seu espírito guerreiro ou os leve a tomarem-se de simpatia pelo inimigo pressuposto.

O JAPÃO E A SUA POLÍTICA

Esse devera ter sido o título do Capítulo I do livro. Aí não era possível ao autor dizer algo que fosse novidade. Do Japão vasta literatura tem corrido o mundo buscando desvendar-lhe os mistérios e destacando os contrastes desconcertantes dessa nação que dia para dia se ergue face aos brancos como avanterma destruidor. Contudo, nesse capítulo há perfeita sùmula do meio físico, do homem, de sua história e de sua política. Mostra-nos o país mais velho do mundo, e ao mesmo tempo, o mais jovem, pois, manteve-se fechado aos estrangeiros até 1854, embo-

ra estes lá tivessem estado no século XVI, e já que a nova civilização japonesa nasce com a imposição norte-americana. Fica aí bem exposto outro contraste desconcertante, mas que define a principal característica do nipônico: é que esse país insular e largamente espalhado possui enorme poder de coesão e profundo espírito de disciplina, de unidade e de patriotismo, baseados no vigor e na força tradicionais de suas instituições privadas e políticas.

Consolidando essas qualidades desenha-se no livro, desde o início, a viga mestra do esforço construtor da Nação Nipônica — a educação do povo no seu aspecto integral, isto é, física, intelectual e moral.

Esse esforço pela educação e o seu resultado são o primeiro e o maior ensinamento que brota deste livro — como melhor alavanca dos povos fortes.

O OFICIAL JAPONÊS

No Capítulo II, o autor passa em revista todo o mecanismo da formação do oficial japonês, desde o Colégio Militar até a Escola de Estado Maior; porém o que mais se destaca de sua descrição é o espírito que preside a essa formação. Debatendo o tema em presença das maiores autoridades do ensino militar, dos professores, instrutores e cadetes, era de esperar que as impressões desse nosso camarada, lançadas com a sua fluência habitual e o seu desassombro, caíssem fundo no ânimo de seus ouvintes. Mais do que isso, o livro aí está candente para que não se percam as advertências do observador esclarecido.

Para a perfeita compreensão do problema, este observador, como que assendendo a lanterna que deva iluminar o caminho, define e caracteriza a mentalidade do oficial cuja vocação se consubstancia no amor irrestrito à carreira e no voto de sacrifício da própria vida. Há um sôpro moral e divino a presidir toda essa formação.

A seleção dos candidatos, provenientes do Colégio Militar ou da tropa, tem por principal escôpo as qualidades morais e os méritos vocacionais. Um dos melhores processos consiste no

estágio obrigatório nos corpos de tropa. “Durante esse estágio, a vocação do futuro oficial é posta a prova. Ele sabe que todos os seus atos estão sendo notados e todas as suas palavras são bem ouvidas”.

“O cadete deve, no decurso do estágio, servir de exemplo ao recruta, sofrer calado as longas marchas e arrastar-se pelo chão coberto de poeira, lama ou neve, empregando-se a fundo, contente e feliz e mostrando que tem *espírito japonês* — cousa essencial no seu Exército”.

“Findo o estágio, há uma reunião solene, na qual comparecem todos os oficiais do corpo, para decidir quais os cadetes que poderão continuar o curso, quais aqueles que verdadeiramente têm alma de soldado”.

Esse processo foi, aliás, sempre adotado no Exército Alemão, em que, antes e durante o curso das Escolas Militares, os candidatos a oficial fazem dois ou mais estágios na tropa, como soldado e sargento.

Em 1918, ele foi em parte introduzido no regulamento de nossa E. M., com a obrigação do candidato civil servir seis meses num corpo de tropa para ser observado. Mas a idéia não pegou. Hoje, há inúmeros oficiais que entraram no quartel pela primeira vez já como aspirantes...

Em 1936/37, o então Cel. Mascarenhas de Moraes, Comandante da E. M., fez com que os cadetes, antes de iniciarem o 3.º ano, estagiassem, durante as férias, nos corpos da Vila Militar com o fim de se habituarem com as circunstâncias que cercariam a sua atividade futura.

Essa medida, apesar-das vantagens evidentes que proporcionaram aos oficiais das duas turmas, não foi mantida. E muitos aspirantes continuaram a sair da Escola, sem nunca ter posto os pés num corpo de tropa. E quantos não terão descoberto, já portas a dentro, o erro da escolha e a falta de vocação?!

Por isso, as palavras de Lima Figueirêdo sobre o estágio dos cadetes devem ser mediatadas: — “*E’ mis:ér educar os cadetes na escola do sacrificio*”.

“Meus senhores, fiquei devêras convencido de que o estágio nos corpos de tropa é uma necessidade no Brasil — servir

dum primeiro obstáculo a vencer por aqueles que procuram esta Escola sem ter fibra de soldado; servirá de barragem aos que, como os detritos carregados pela corrente, vem displicentemente em busca de um ideal que não possuem; servirá de impecilho aos sugestionados, aos indiferentes e aos aproveitadores, dos quais falamos de início”.

A propósito do vigor físico do oficial nipônico vem à baila a necessidade do treinamento em marchas longas, sob intempéries de toda a sorte, de dia como de noite. O jovem e ardoroso oficial de Engenharia, alia-se aos seus colegas da Rainha das Armas, quando reconhece que ainda muito valem os coturnos dos infantes, como já afirmava Frederico II.

Não está sozinho nas suas ideias e a prova é que em uma das mais recentes regulamentações norte-americanas se pôde ler (Infantry Journal, Dez. 1941): “O regimento de infantaria deve ser treinado para fazer a pé 24 a 32 Km. por dia sem denotar fadiga excessiva. E em aceitáveis condições de estrada, tempo e situação, deve ser capaz de fazer 48 a 56 Km. em 24 horas e além disso poder combater com eficiência ao fim da marcha”.

Isso é preconizado em plena fase da motorização, justamente porque o senso da rapidez desenvolvido com as unidades blindadas, arrasta as unidades a pé, a ponto de, como já temos referido, divisões alemãs terem feito, em 1940, 560 Km. em 11 dias (*). Aliás, grandes esperanças podemos ter na capacidade de marcha de nossa gente, que já vimos fazer, no sertão greste do Nordeste, 60 Km. por dia.

O aperfeiçoamento cultural e profissional do oficial tem aspecto idêntico ao dos outros grandes Exércitos, sobressaindo aí o cuidado de selecionar para os altos comandos os que revelarem excelentes qualidades de condutores de homens.

O autor encerra esse capítulo des'acando o valor do moral e o espírito do soldado japonês a quem as origens ancestrais e a educação ensinam “que, para ser considerado digno de seus antepassados, terá que imitá-los, fazendo da vida cousa secundária”.

(*) Em A DEFESA NACIONAL, “Revolução, não; Revisão, da doutrina, sim.” de T. A. Araripa.

Mas o autor não se demora na contemplação desse estado de alma, porque olha para nós mesmos, nesta afirmação de crença construtiva:

“Sigamos o exemplo dos mortos: — Para ensinar aos nossos soldados, à nossa juventude, ao nosso povo, não é mister ir buscar exemplos no exterior, temo-los aqui edificantes de heroísmo; a nossa história é farta em episódios nos quais a bravura e a abnegação sobram; há vultos que podem ser canonizados como santos na crença popular. . .

“Os exemplos surgem como a água nos fartos manadeiros; é só sabê-los, não precisamos nem devemos ir buscá-los em fontes estrangeiras. Também não precisamos levantar templos aos nossos heróis, porem devemos ter sempre em mente os seus nomes e os seus feitos, cultivando o nosso espírito à imagem dos deles e rogando a Deus, no fim de cada dia, que nos dê força física e energia moral, para que possamos cumprir rigorosamente os nossos deveres para com a Pátria, e morrer com honra por ela se isto estiver escrito no livro do nosso destino”.

A página final desse capítulo mostra assim como o autor procurou ver o Japão, com o espírito e o coração voltados para o nosso Brasil.

CAPÍTULO III

Esse capítulo apresenta candente estudo do expansionismo nipônico, em luta com as potências brancas imperialistas e procurando absorver os vizinhos. Plenas de franqueza, talvez pouco diplomáticas, as observações aí estampadas vão tendo a confirmação dos fatos.

As palavras finais, dirigidas aos nossos marinheiros é mais um grito de alerta que se junta aos anseios de nós todos por uma grande Marinha, forte e poderosa para a defesa dos 7.920 Km. de costa.

ORGANIZAÇÃO MILITAR DO JAPÃO

Vê-se aí uma série de informações sobre a organização militar do país. E' similar à de quaquer grande Exército e merece

ser estudada pelos que decidem sobre o nosso aparelhamento militar.

Chama-nos a atenção o número extraordinário de escolas e cursos desse Exército que há mais de 5 anos vive em plena guerra. Vê-se aí, mais uma vez, a importância que lá se empresta à formação e ao aperfeiçoamento dos quadros.

Os dados sobre as minúcias de organização e o armamento relembram qualquer Exército europeu e principalmente o alemão. Duas dificuldades surgem das informações: a substituição do armamento automático que se gasta com facilidade e o recompletamento dos quadros, principalmente subalternos, devido à qualidade e quantidade dos quadros de reserva, bem como ao aumento brusco de efetivo. É uma situação muito próxima dos países que tem pequeno efetivo de paz.

A-pesar-dos informes minuciosos, creio ser difícil exprimir a realidade do potencial de guerra nipônico. Os japoneses aguardam os seus segredos escrupulosa e zelosamente. Os anuários militares, inclusive o da Sociedade das Nações, e os informantes Pasow, alemão, e Varo Veranini, italiano, não conseguiram dados precisos. Entretanto, é fora de dúvida que nenhum país, salvo a Rússia, poderá mobilizar massa humana maior. Mas há sempre o mistério no Nipon.

A DOCTRINA

Quanto à doutrina, assinala-se, desde o início, “que os traços essenciais da doutrina regulamentar aparecem suficientemente claros. Primazia absoluta do moral. Exaltação do espírito-ofensivo. Orgulho de um exército que ainda não foi derrotado em nenhum campo de batalha — estes são os tres pilares da instrução militar japonesa”.

É muito interessante a apreciação do observador sobre o corpo da regulamentação japonesa, que, de caso pensado, não assimilou a doutrina ocidental, porque, afirmam os espíritos mais lúcidos e distinguidos serem os métodos utilizados pelos exércitos europeus, possuidores de moral mediocre, inaplicáveis à in-

fantaria japonesa com seus desprezo pela morte e seu amor fanático ao país.

Não vê vantagem na redação dos regulamentos, com textos vagos e sem a forma de diretrizes seguras, destinadas a orientar claramente a instrução da tropa.

O abuso do esquema torna certos atos de execução teórica. Mas, da confusão resultante dessa falta de orientação e do fraco tirocinio dos oficiais subalternos, salva-se a ação rápida e forte, graças à impulsão dos Cmts. de Cia. e Btl. que combatem em 1.^o escalão. Aí, se a falta de coordenação não permite o apoio eficaz das armas de tiro tenso, o apoio das armas de tiro curvo trazidas ousadamente para a frente são de grande valia. Mas o apoio da artilharia é então duvidoso.

Isso que acontece na tomada do contato é repetido no ataque propriamente dito.

Na defensiva, surge ainda o divórcio entre a teoria escrita e a prática executada.

Com os pequenos efetivos não há as posições contínuas e profundas, nem os grandes flanqueamentos e cruzamentos de fogo. A noção dos pontos de apoio isolados (pontos fortes do terreno), em quincôncio veio por si mesma.

O contra ataque é processo espontâneo do temperamento japonês.

O instrutor-inimigo corrigiu essas tendências, impondo melhor organização e melhor apôio dos ataques, mais ordem nos dispositivos, melhor aproveitamento do terreno, melhor ligação com a artilharia, melhor técnica na execução dos tiros destas.

O que vem escrito nas páinas 150 a 160 do "Ano de Observação" precisa ser bem meditado por nós que nos habituamos a fazer imaginariamente "a guerra do rico" (grandes efetivos, quadros numerosos e adestrados, abundância de material e de munição, etc.), sem pensar muitas vezes nessa "guerra do pobre", que o Japão apesar do seu potencial guerreiro ainda foi obrigado a fazer na China.

Depois de ligeiras considerações sobre a moto-mecanização, a cooperação da aviação e os casos particulares de combate, o observador sentença, com muita propriedade:

“Finalmente a infantaria japonesa, apoiada sobre um fundo de bravura e solidez, sofre duma certa debilidade numérica e intelectual de seus quadros, duma doutrina envelhecida e duma falta absoluta de cooperação com as outras armas”.

“Numa guerra com um exército europeu, quiçá a infantaria japonesa muito sofreria, se bem que pudesse apresentar maior efetivo no campo de luta asiático. Se, pois uma tropa européia sabe estabelecer um “front” contínuo, sem lacunas, bem protegido nos flancos; se sua calma e sua solidez a põem ao abrigo das surpresas de noite ou de dia; se enfim, seu comando souber aproveitar as inumeráveis e grosseiras falhas de manobra que cometerão os chefes e executantes japoneses, parece certo que os assaltos furiosos, a peito descoberto, duma infantaria quasi privada do apoio da artilharia, poderão somente terminar em inúteis hecatombes”.

Parece evidente outrossim, que a ausência de toda noção de segurança tática ou estratégica no curso dos deslocamentos permitirá a um adversário manobreiro e ativo fazer experimentar, sem grave perigo para ele mesmo, pesados revezes às colunas muito agrupadas e muito desordenadas que constituem as grandes unidades japonesas”.

“Em resumo, a infantaria nipônica é um inimigo que convem nem desprezar, nem achar forte em demasia”.

Mas não esqueçamos, que a guerra é mestra efficientissima.

Por fim o autor põe pinceladas interessantes no quadro do *moral* do povo e soldado japoneses sob a ação deprimente da luta na China. Isso tem notavel senso psicológico.

As informações que se seguem sobre a aviação, os transportes e a engenharia são de grande utilidade para os oficiais dessas arma, por seu espírito prático e original.

Paramos por aqui. O observador amontôa vasto repositório de informações sobre a Mobilização Industrial, os Carros de Combate e a Artilharia Anti-Aérea, o Serviço Militar, a Alimentação do soldado, etc., todas muito úteis a quem queira dedicar-se ao estudo particular dessas variadas questões.

* * *

Ao fim da leitura deste livro, fica-se agradecido ao Ten.Cel. Lima Figueirêdo pelo serviço que com ele presta ao Exército Brasileiro, armazenando grande messe de ensinamentos, caldeados através de uma cultura profissional invejável, de um espírito de análise e de síntese admirável e de sinceridade a toda prova.

E fechamos nossas considerações com essa afirmação de "Nação Armada" (Abril de 1942):

"Nunca, como nesta Guerra, as nações foram tão desconcertantemente decepcionadas pelo poder do adversário. A Polônia é vencida porque, de início e como base de partida para todos os seus planos, sub-estima o poder alemão. O potencial de guerra dos exércitos de Hitler é uma surpresa para a França. O Japão, uma surpresa para os Estados Unidos. A Grécia, uma surpresa para a Itália. A resistência de Londres, uma surpresa para a aviação alemã. A Rússia, uma surpresa para o mundo! Enfim, surpresas sobre surpresas. Falta absoluta de informações sobre o inimigo — e isso no século do rádio!"

Não esqueçamos, contudo, que o inimigo terá sempre o seu mistério.

À venda em "A DEFESA NACIONAL"

O Exército

TRADUÇÃO

DO

Alemão

Tte. Cel. LEONY DE OLIVEIRA MACHADO

Preço - 18\$000 pelo Correio